

O *Whatsapp* como Ferramenta de Transformação das Interações Sociais¹

Kátia Balduino de Souza²
Giovanni Altoé³
Universidade de Brasília, DF

RESUMO

Vivemos um momento de grandes mudanças no cenário mundial advindas, principalmente do desenvolvimento tecnológico. Cada vez mais somos "bombardeados" por novos equipamentos tecnológicos que têm influenciado nossa vida em todos os sentidos. O universo virtual viabilizado pela tecnologia interativa e a integração de seus produtos com uma rede de comunicação interligada globalmente, por certo exerce considerável impacto no sujeito contemporâneo. A este universo, alguns autores o denominam como ciberespaço. Através de uma exploração amostral minimizada, buscaremos uma melhor compreensão sobre as interferências da revolução tecnológica digital e sua interação com o sujeito contemporâneo, para que só assim possamos pensar as alterações culturais e interacionais associadas aos atores sociais do presente século. Entre os objetivos de investigação desse trabalho, assinalamos a intenção de estudarmos até que ponto os mundos virtuais, em especial o *whatsapp*, podem influenciar nossas interações - simbólicas ou não. Buscaremos lançar luz à nova realidade que habitamos na atualidade - uma cultura muito diferente à anterior à invenção da Internet, ou simplesmente denominada de Cibercultura. Nossa conduta analítica versará, ainda que inicialmente se a afirmativa de que a evolução tecnológica comunicacional, associada a usabilidade do aplicativo de *Whatsapp* apresenta duas distintas perspectivas – positiva: devido aos processos facilitadores da comunicação, e negativo: devido às alterações no comportamento e cultura humana - se confirma ou abre caminhos para novos debates ou descobertas.

PALAVRAS-CHAVE: Cibercultura; Ciberespaço; Interacionismo; *Whatsapp*

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje atravessamos uma nova revolução – a digital - que transformou seus produtos em objetos de consumo intensamente cobiçados e que por serem tão desejados, se tornaram verdadeiras próteses do ser. Próteses que foram incorporadas com tal intensidade que muitos não concebem viver sem elas na atualidade, são elas: celulares, *smartphones*, *tablets*, *laptops*, pulseiras e outros dispositivos que acessam uma rede

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Doutoranda do Curso de Comunicação Social da Linha de Pesquisa de Teorias e Tecnologias da Comunicação – Universidade de Brasília - UNB-DF, email: katia.ufg@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do IESB-DF, email: giovanni_altoe@hotmail.com

mundial de computadores interligados entre si. Atualmente possuir os produtos dessa tecnologia parece ser constitucional e imprescindível para o homem civilizado; alguns resistem com menor ou maior intensidade, mas é certo que essa resistência os coloca à margem de uma sociedade que cada vez mais invoca o uso desses dispositivos, uma vez que o imediatismo e a instantaneidade são demandas culturais em processo de sedimentação.

Desta forma, podemos dizer, ainda que primariamente que o avanço tecnológico ativa a necessidade de renovar, ampliar e/ou criar novas ferramentas de trabalho, comunicação e diversão, e que para acompanhar estas evoluções, os aparatos comunicacionais também são constantemente renovados. Atualmente, um dos grandes mecanismos que inspira e reflete esta evolução é o ciberespaço, pois além de ser um local em que as pessoas se interagem de forma espontânea e descontraída, funciona como um espaço em que o indivíduo ou grupos se servem de práticas culturais, identitárias e interacionais para se expressar, se (re)afirmar e se comunicar.

Hoje, o ciberespaço abarca diferentes programas, sites e aplicativos que promovem interação. Escolhemos estudar o novo contexto no qual vivemos através de uma lente das redes sociais de comunicação, mais precisamente, pela lente do aplicativo *Whatsapp*, pois acreditamos que tal proposta elucubra um instrumental possível nessa investigação. Ao tecermos as análises referenciais pertinentes a este trabalho, buscaremos compreender se uma nova forma de laço social nos dias de hoje realmente pode se estabelecer pelo uso do aplicativo em análise. Este anseio nos levará a fortalecer o estudo em torno da teoria freudiana e lacaniana e estabelecer conexões interdisciplinares com a comunicação, sendo esta estabelecida em sua singularidade pelo uso do *Whatsapp*. Tal aplicativo, a nosso ver, contribui para uma rica reflexão nos oferecendo um *setting* onde a rede social ganha uma dimensão epistemológica, produtora de conhecimento, uma vez que se trata de um lócus privilegiado onde pode haver tanto o lançamento de hipóteses quanto suas subsequentes verificações.

Breves relatos sobre o *Whatsapp*

As mensagens de texto de celulares, mais conhecidas como *SMS*⁴, fazem parte de uma nova fase da comunicação. Em qualquer lugar e momento, podem ser enviadas e respondidas (SANTOS, 2012). O processo de escrita e recepção acontece quase em simultâneo (TEIXEIRA, 2003).

⁴ *SMS* é a sigla de *Short Message Service*, que significa Serviço de Mensagens Curtas.

Fundado oficialmente em 2009 pelos veteranos do Yahoo! - uma das maiores empresas americanas de serviços para a internet, o aplicativo se tornou uma das ferramentas de comunicação interativa mais utilizada na atualidade. De acordo com o *Financial Time*, em setembro de 2015, o aplicativo alcançou a marca dos 900 milhões de usuários ativos.⁵

Em 2016, as SMS completam 24 anos de existência e une-se a ele o advento dos *smartphones*⁶ com os aplicativos (*apps*) como o *Whatsapp*, que completa 6 anos. A maioria dos brasileiros usa o *Whatsapp* através do seu *smartphone Android*, segundo dados apontados pela consultoria *Global Web Index*. O levantamento mundial com cerca de 12 mil usuários do *app* espalhados pelo mundo concluiu que 73% destes usuários acessam o *Whatsapp no Android*, contra 22% na plataforma IOS (*Iphone*).⁷ *WhatsApp* é hoje o *app* mais popular em 140 países, segundo o *AppAnnie*, site especializado em criar *rankings* de aplicativos.⁸

Mas efetivamente o que é o *Whatsapp*? Segundo o próprio endereço eletrônico do aplicativo⁹, o *Whatsapp* é um software para *smartphones* utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão a internet. Considerado um aplicativo para celulares multiplataforma, o *Whatsapp* é atualmente compatível com todas as principais marcas e sistemas operacionais de *smartphones* do mundo. O *Whatsapp* é visto como uma substituição ao SMS, por ser mais prático e econômico, pois não há um custo adicional para enviar as mensagens, além do plano de dados utilizado para se conectar à internet, por exemplo.

Em 2014, o *Whatsapp* foi vendido para o *Facebook* - maior rede social do mundo - por aproximadamente 16 bilhões de dólares. Os fundadores ainda foram introduzidos ao conselho administrativo do *Facebook*. Em janeiro de 2015, o *Whatsapp* anunciou a possibilidade de utilizar o software na web, através do navegador do Google Chrome. Entre outras funcionalidades do *Whatsapp* está o envio mensagens de voz, *emoticons* e alterar as mensagens de *status*, assim como era possível MSN Messenger.

⁵ UOL (4 do setembro de 2015). «*WhatsApp* atinge 900 milhões de usuários ativos mensais». Consultado em 18 de dezembro de 2015.

⁶ “*Smartphones* são aparelhos celulares que apresentam, além das funcionalidades comuns aos celulares, uma capacidade maior e mais completa de processamento de informações e aplicativos gerenciados por um sistema operacional.”

⁷ «8 em cada 10 brasileiros usam o *WhatsApp* no sistema Android». Consultado em 04 de maio de 2016..

⁸ colunas.revistaepocanegocios.globo.com/tecneira/2013/04/09/por-que-o-whatsapp-virou-o-novo-objeto-de-desejo-das-pontocons. Consultado em 04 de maio de 2016.

⁹ www.whatsapp.com

Convergência de mídias, dispositivos móveis e Conversação.

Em 1973¹⁰, o engenheiro da Motorola, Martin Cooper, fez a primeira chamada de um telefone portátil. Do outro lado da linha estava Joel Engel, chefe da Bell Labs, originalmente o braço de pesquisa e de desenvolvimento da AT&T, ainda que nos surpreenda, esta primeira ligação realizada de um celular completou 43 anos. Naquela época, em 1973, os aparelhos apenas faziam ligações. Apesar de a ligação ter sido feita nos anos 70, o celular já estava sendo desenvolvido desde a década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, baseado em comunicação por rádio. E ainda assim, levou quase uma década para se tornar popular.

De acordo com dados contidos no próprio site da empresa IBM - *International Business Machines* -, em 1994, foi lançado o *Simon Personal Communicator*, considerado o primeiro celular a ter recursos de *smartphone*. Ele reunia funcionalidades de um palmtop com a de um telefone celular, além de ter sistema operacional e tela *touchscreen*¹¹.

No início dos anos 2000¹², surgem os primeiros celulares com tela colorida, câmera digital integrada, jogos e mp3 player. Em 2005, o dispositivo N70, que aceitava aplicativos e vinha com duas câmeras, difundiu a prática de registrar tudo com o celular. Nele era possível também reproduzir áudio e sintonizar rádio FM. O modelo N70 foi importante para vender a ideia de que o celular poderia um dia substituir o *iPod5*.

Em 2007, o lançamento do primeiro *iPhone*¹³, pela Apple, marcou uma nova fase na evolução dos celulares, dando origem a sistemas operacionais exclusivos, tela totalmente sensível ao toque, instalação de aplicativos e recursos avançados para conexão com a internet. O *iPhone 3G* foi o celular mais vendido do mundo, posto que era ocupado por aparelhos da Nokia desde 1998. No ano seguinte, a empresa Google desenvolveu o *Android*, um sistema aberto que permitiu as fabricantes criarem *smartphones* para concorrerem com o *iPhone*.

Segundo Lemos (2013), o uso das novas tecnologias pela sociedade contemporânea amplia o potencial comunicativo, proporcionando a troca de informações sob as mais diversas formas. O telefone celular, portanto, tornou-se um dispositivo de múltiplas convergências midiáticas (LEMOS, 2007). Os aparelhos agregam diversas tecnologias,

¹⁰ <http://olhardigital.uol.com.br/pro/noticia/primeira-ligacao-realizada-por-um-celular-completa-43-anos/56860>, acesso em 04 de maio de 2016

¹¹ <http://www.tudocelular.com/especiais/noticias/n45607/Genesis-a-pre-historia-dos-smartphones.html>, acesso em 04 de maio de 2016

¹² <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/06/historia-dos-telefones-celulares.html>, acesso em 04 de maio de 2016

¹³ <http://www.tecmundo.com.br/iphone/48924-ha-7-anos-o-primeiro-iphone-era-anunciado.htm>, acesso em 04 de maio de 2016

como câmera fotográfica, filmadora, agenda, gravador de voz, mensagens de texto e músicas. Além das possibilidades geradas pelo acesso à internet, tais como sistema de localização, *e-mails*, *downloads*, jogos e bate-papo.

Reunir múltiplas funções dentro de um mesmo aparelho, como acontece em um telefone celular, na atualidade, está longe de ser o conceito abordado por Henry Jenkins em *Cultura da Convergência*. Obviamente, executar várias funções em um mesmo aparelho pode ser considerado um meio de convergência do aparelho telefônico. Mas, para Jenkins, o conceito é mais amplo do que parece, pois de acordo com o autor, a “convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros”. (Jenkins. 2008, p.28). Jenkins (2009) também aponta o telefone celular como exemplo representativo do período que estamos vivenciando. A convergência, segundo o autor, é a mistura de linguagens. Para ele, as novas e velhas mídias se tornam híbridas, alterando a relação entre as tecnologias, indústria, mercados, gêneros e públicos.

Os meios de comunicação sofrem um processo constante de fusão, em que as mídias alternativas fazem permuta com as tradicionais, os produtores de conteúdo para as mídias trocam de papel frequentemente com os consumidores. Essa combinação não atinge somente as plataformas, mas principalmente o conteúdo disponível, gerando, assim conteúdos a partir das diferentes matrizes midiáticas (Jenkins, 2009).

É fato que a convergência altera a indústria e sua lógica, assim como impacta o consumo de novos e velhos usuários (Jenkins, 2008). Tratando-se do celular, é importante registrar que este artefato está nas mãos de quase todas as pessoas, desde crianças até idosos, fato que justifica a necessidade de compreender melhor de que modo esta convergência afeta cada grupo social.

De acordo com o GITS – Grupo de Pesquisa em Interação, Tecnologias Digitais e Sociedade, em fevereiro de 2014 o Brasil já possuía mais de 38 milhões de usuários – ou seja, 8% da base de mais de 465 milhões de usuários em todo o mundo. Dados como este, reforçam o peso que este *app* reflete no país quando o assunto é a sociabilidade por meio de áudios e textos via dispositivos móveis. Isso traz à tona, também, uma reflexão mais profunda sobre como aspectos técnicos e sociais presentes em tecnologias digitais irão (re)configurar dinâmicas interacionais realizadas na contemporaneidade.

Quando o assunto é a Análise da Conversação enquanto forma de compreender determinadas práticas de sociabilidade, torna-se necessário mapear como as interações em *apps* como o *Whatsapp* podem emergir da interface entre o uso que é feito do *app* (via

dispositivos móveis) em consonância com recursos disponíveis (textos, áudio, envio de fotos, criação de grupos etc.). Isso também traz insumos, como consequência, para a revisão de conceitos e definições acerca do que é Conversação na atualidade – uma vez que boa parte dos estudos sobre esta prática foram direcionados para interações do tipo face-a-face e desta forma verificar quais alterações apresenta-se na atualidade devido a usabilidade destes aplicativos, em específico o *Whatsapp*.

Conforme aponta o linguista Luiz Antônio Marcuschi (2001), a conversação pode ser entendida como “uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum” (p.15). Neste contexto, a Análise da Conversação teria, então, como seu objetivo inicial, verificar a organização estrutural convencionalizada ou institucionalizada da interação social. Posteriormente ela passa a analisar os processos cooperativos na atividade conversacional, como: as trocas de turnos, os silêncios e lacunas, as falas simultâneas, as regras conversacionais, a coerência conversacional. “O objetivo da análise conversacional é, precisamente, explicitar essas regras que sustentam o funcionamento das trocas comunicativas de todos os gêneros...”. (ORECCHIONI, 2006, p.15).

Percebe-se que tanto Marcuschi, quanto boa parte dos estudiosos da Análise da Conversação, tiveram como foco principal a observação e a compreensão das conversas face-a-face ou por telefone, identificando seus elementos verbais, visuais e contextuais. Para Marcuschi, a conversação seria marcada pelas seguintes características constitutivas: Interação entre pelo menos dois falantes; Ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; Presença de uma sequência de ações coordenadas; Execução de uma identidade temporal; Envolvimento em uma interação ‘centrada’ (MARCUSCHI, 2006, p.15). Na contemporaneidade, marcada pelas novas tecnologias da informação e pela comunicação, faz-se necessário ampliar as reflexões feitas por autores como Marcuschi, observando outros ambientes e contextos interacionais, tais como ocorrem as conversas nesses ambientes e quais são as rupturas e continuidades existentes nas interações que lá ocorrem.

Para compreender a conversação através de ambientes interacionais online, mais especificamente nos Sites de Redes Sociais e *Instant Messengers*, é necessário, então, mapear quais são os aspectos técnicos que as ferramentas disponibilizam e/ou possuem e quais são as apropriações feitas pelos usuários destas ferramentas, criando, assim novos padrões interacionais (OLIVEIRA, 2008).

Recuero (2008) argumenta que a internet pode ser considerada como síncrona ou assíncrona. Por conversação síncrona, entendemos aqui aquela que ocorrem de forma semelhante à face-a-face, com uma identidade temporal próxima e compartilhada em um mesmo espaço. Nesse tipo de conversa, os pares podem ser identificados com facilidade, bem como os turnos e a centralidade da interação. Já o modelo assíncrono possui uma identidade temporal alargada, podendo ocorrer em mais de um espaço, centrados em um mesmo tópico (tema). De acordo com Recuero (2008) as conversações, síncronas ou assíncronas, independem da tecnologia que está sendo adotada, pois, em ambos os modelos, podemos encontrar as características listadas por Marcuschi (2001). Além disso, as ferramentas podem ser apropriadas de diferentes maneiras pelos usuários, criando novas práticas e significados. O próprio *Whatsapp*, por exemplo, embora inicialmente seja um ambiente de conversação instantânea, pode ser utilizado enquanto um dos usuários está desconectado (tornando-o, assim, um ambiente assíncrono de comunicação).

Como conectar a conversação adotada pelos usuários do *whatsapp* às possíveis análises comunicacionais? Sumariamente, ao pensar na Análise da Conversação no *Whatsapp*, baseando-se nas características acima (listadas por autores como Marcuschi), faz-se necessário não incitar respostas, mas levantar questões como: De que forma esta possível “latência” da conversa irá refletir nas relações sociais na vida cotidiana? Quais impactos essas conversações via *Whatsapp* podem trazer em diferentes contextos sociais?

Diante destes apontamentos discorreremos sobre cibercultura e ciberespaço, no intuito de associação teórica, para posteriormente apontarmos os resultados de uma pequena amostra empírica, que nos permitiu avançar em nossas inquietações e pesquisas quanto às possíveis interferências do *whatsapp* atrelado a questões culturais.

Ciber – Cultura e Espaço

Para Heidegger (1954) a essência da técnica moderna estava na requisição energético-material da natureza para a livre utilização científica do mundo, a cibercultura seria uma atualização dessa requisição, centrada agora na transformação do mundo em dados binários para futura manipulação humana (simulação, interatividade, engenharias, produtividade material, etc.). Desta forma o desenvolvimento tecnológico não dita de forma irreversível os caminhos da vida social, mas ao atingir a esfera da comunicação, as tecnologias agem, como toda mídia, liberando-nos dos diversos constrangimentos espaços-temporais e social midiática. Nessa corrente, a convergência da informática com as

telecomunicações vai dar origem ao que se vem chamando de sociedade da informação ou informacional (Castells, 1996).

Uma primária questão que apresentamos aqui é em relação à própria definição de Cibercultura. O termo está recheado de sentidos, mas podemos compreender a cibercultura como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70. Também pode ser conhecida como Tecnocultura, conforme define Muniz Sodré ao defini-la como a interação humana atravessa pela midiatização. Independente da terminologia, ambos os conceitos permeiam a necessidade de se pensar a cultura social sendo perpassada pelas novas associações providas pelo excesso de interferentes midiáticos. Antes de ser uma cultura de “modismo” moldado pela tecnologia, trata-se, ao nosso entendimento de uma relação que se estabelece pela emergência de novas formas sociais que surgiram a partir da década de 70 (a sociabilidade pós-moderna) e das novas tecnologias digitais, esta emergência vai então gerar a cibercultura, segundo Lemos (2002).

Cabe levantar também que o prefixo “ciber” dá a entender um novo determinismo tecnológico. A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. A cibercultura não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente, ou seja, trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporânea como sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna. Embora não apresentemos aqui a cibercultura em sua complexidade, buscamos ao menos conceituá-la para melhor compreensão das etapas descritivas e analíticas posteriores, tal como faremos agora com breve análise acerca do ciberespaço.

Quanto ao ciberespaço, podemos dizer que se relaciona ao surgimento de um novo espaço virtual. Silva (2003) nos esclarece que as noções básicas de localização ficam confusas nesse ambiente, uma vez que ele é marcado por uma não espacialidade, pois sua dimensão territorial está “vinculada à simbologia de globalidade dos usuários da rede”. O ciberespaço agrega o espaço socialmente produzido, sendo este uma estrutura criada pela evolução dos recursos tecnológicos e pelas construções sociais resultantes das apropriações feitas pelos indivíduos.

Historicamente, a oralidade foi o recurso primário para a transmissão do conhecimento social, onde os indivíduos atuavam como suporte básico. A escrita permitiu objetivar o conhecimento parcialmente em um suporte concreto - o papel. Contudo, estes

suportes precisavam ser preservados e periodicamente atualizados para garantir a sua transmissão. Atualmente, o único suporte material necessário é a própria rede, onde, uma vez digitalizada, a informação permanece disponível a todo e qualquer um que tenha uma conexão. No momento atual, onde a dinâmica é de transposição das instituições já estabelecidas para o ciberespaço, surge a busca de metáforas que orientem a organização no novo meio.

O ciberespaço retrata uma nova topografia (virtual), aonde suas vias de locomoção (conexões) conduzem a lugares ou sítios (sites) de informações. O percurso tela a tela evoca um sentido de deslocamento como se fosse uma viagem: mergulhando na rede digital, o sujeito incorpora-se em outro mundo, com lógica própria, sem grande esforço de circulação além do exercício da vontade. O ciberespaço pode ser considerado como um não-lugar na medida em que se caracteriza “como passagem e momento de fixação de uma consciência individual e solitária assentada em relações identitárias que o usuário da rede constrói, em sua memória diante da tela do computador e dos movimentos de imagem aí registrados.” (Silva, 2003). Entretanto, concordamos com Silva quanto ao fato de que é possível a construção de relações de identidades em rede, expressas pelas chamadas “tribos virtuais”, constituindo novas formas de convivência entre as pessoas, formando culturas diferenciadas dependendo dos objetivos e do contexto ideológico em que são constituídas. As relações sociais no ciberespaço, apesar de virtuais, tendem a repercutir ou a se concretizar no mundo real. Marcam, portanto, um novo tipo de sociedade. O indivíduo rompe com alguns princípios tidos como regras sociais, alterando alguns valores e crenças, sem que isso seja uma determinação da sociabilidade existente no mundo.

O potencial do ciberespaço estaria, para Lemos (2003), em sua capacidade de instaurar uma comunicação ágil, livre e social que pode ajudar a criar uma “democratização dos meios de comunicação, assim como dos espaços tradicionais das cidades”. Ainda que resumidamente, confiamos que os conceitos que permeiam o “virtual” tenham sido abarcadas, cada qual em suas vertentes e especificidades para o presente artigo, devendo o leitor, ao desenvolver interesse pela temática, avançar em suas pesquisas.

Pressupostos do Interacionismo Simbólico – Um possível Ciberinteracionismo?

Antes de abordarmos questões relativas ao Interacionismo, fazemos referência aos autores que por intermédio de suas obras nos permitiram tais escritos, dentre eles

referenciamos George Mead, Goffman, Simmel e Blumer, não inferiorizando ou reduzindo em qualquer que seja a hipótese, outros importantes pesquisadores sobre a temática.

O interacionismo simbólico tem sido bastante utilizado nas ciências sociais por se ancorar numa concepção teórica em que o significado é o conceito central e os objetos sociais são construídos e reconstruídos pelos atores envolvidos de forma interminável. Ou seja, o significado social dos objetos se deve ao fato de lhes dar sentido no decurso de nossas interações. Portanto, as ações individuais e coletivas são construídas a partir da interação entre as pessoas, que definindo situações agem no contexto social que pertencem.

A interação social é um processo que constantemente está sendo construído pelos atores, de modo que estes podem interpretar o mundo que o cerca e o qual interage. Isso significa que as ações sociais não podem ser capturadas no decurso de uma lógica pré-estabelecida, casualmente estabelecida a partir de uma ordem de fatos externos e fixos.

A ordem dos fatos sociais e o sentido das ações estão sujeitas às mudanças e cada ato pode ser considerado uma nova interação. Logo, a pesquisa de campo a luz do interacionismo simbólico é importantíssima para as ciências sociais. Por essa razão, o pesquisador deve observar o cotidiano das relações estabelecidas pelos atores no cenário social e procurar interpretar o sentido que eles dão a cada ato, no contexto em que se inserem, seja no tempo ou no espaço. Isso é intersubjetivo e potencialmente acessível a cada um de nós.

Assim, o interacionismo simbólico, dentro do paradigma interpretativo, se preocupa em compreender os aspectos internos experimentais da conduta humana, ou seja, a maneira como as pessoas percebem os fatos ou a realidade a sua volta e como elas agem em relação às suas convicções. Esse método permite aos pesquisadores estabelecer juízo de valor do fenômeno investigado. A interação simbólica focaliza o significado dos eventos para as pessoas no ambiente natural ou numa situação diária e está ligada ao conhecimento da filosofia fenomenológica. Tanto a fenomenologia como o interacionismo simbólico estão relacionados com o estudo dos aspectos internos ou experimentais do comportamento humano, ou seja, como as pessoas definem os eventos ou a realidade e como elas agem em relação às suas crenças.

O interacionismo vê o comportamento humano como o resultado de vasto processo interpretativo em que as pessoas, de forma isolada ou coletiva, conduzem a si mesmo pela definição de um objeto, evento ou situações por elas encontradas. Dessa forma, o interacionismo é uma ferramenta teórica que possibilita a compreensão do fenômeno de

uma maneira mais ampla, além de revelar e apontar o significado que as coisas têm para os atores sociais. Possibilita, ainda, compreender se esse significado é decorrente ou resultante da interação dos elementos envolvidos no processo social. Procura saber se esses elementos são significativos, toda vez que interagem e como utiliza o processo interpretativo ao agir mutuamente com os objetos mais significativos da sua realidade.

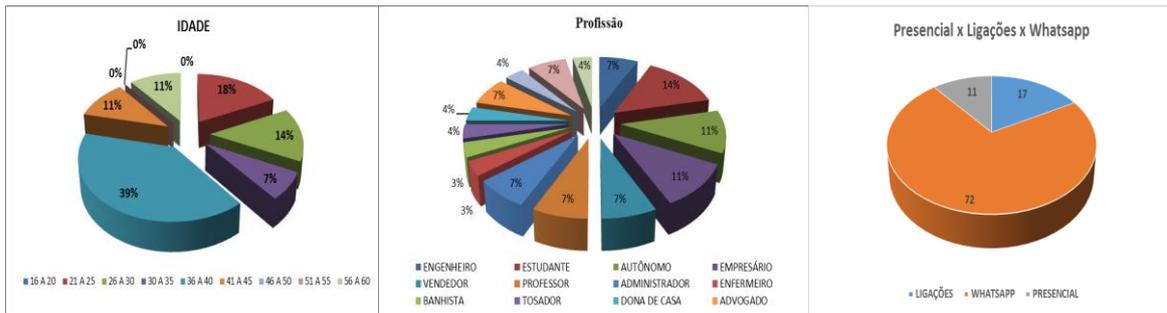
Metodologia

De acordo com o exposto acima, viu-se a necessidade de ir a campo para captar melhor as tendências dos grupos que utilizam o aplicativo de *Whatsapp*. Embora reduzida, a amostragem não ofuscou ou comprometeu nossas análises. O início do trabalho deu-se, portanto, com observação e análise quantitativa de 3 atores sociais, aqui chamados de Ator 1, Ator 2 e Ator 3 os quais se prontificaram a enviar dados de conversas do *whatsapp* e ligações, especificamente no mês de abril de 2016 onde os mesmos comemorariam aniversário. Cabe ressaltar que dentre os 3 atores participantes da pesquisa, apenas o Ator 2 já utilizava o aplicativo no mesmo período de 2015.

O motivo desta análise estava em verificar pontualmente se as formas de parabenizar um aniversariante estão se modificando devido aos novos espaços de conversação, o que por consequência refletiriam nas interações sociais e culturais. O intuito desta verificação centrava-se em analisar como seriam as manifestações comemorativas no ciberespaço e se elas poderiam ser um indício de alterações nas interações sociais. Para tanto foi solicitado que os atores sociais registrassem a quantidade de ligações que receberam no dia de seu aniversário (05 de abril e 6 de abril de 2016), bem como a quantidade de felicitações recebidas via *whatsapp*, devendo os mesmos enviarem os dados diários de registros dos celulares para posterior análises. Foi solicitado também autorização aos demais membros envolvidos neste ambiente de convergência digital para divulgação dos dados desta pesquisa.

O Ator 1, possuía em sua lista de *whatsapp* 123 participantes. O Ator 2 possuía 162 e o Ator 3 68 participantes. A partir dos questionários foram realizadas as análises no intuito de compreender se houveram comparativos que nos permitisse avaliar as possíveis alterações nas interações sociais.

Alguns Gráficos



Dados e Análises – Dados do Whatsapp

Em relação ao quesito idade, foi possível evidenciar que apesar de ser uma ferramenta de comunicação ainda em seus anos iniciais, a mesma apresenta adeptos de diversas idades, ou seja, do total de entrevistados 39% possui idade entre 36 e 40 anos, 18% entre 21 e 25, 14% de 26 a 30, 11% de 41 a 45, 11% 56 a 60, e 7% de 30 a 35anos.

Outro dado importante a ser revelado é que 54% da amostra participativa do processo de felicitações eram do gênero feminino e 46% do gênero masculino.

Outra pergunta analisada referiu-se a localidade dos participantes da amostra. Tanto os Atores 1, 2 e 3 residiam em Brasília e possuem na cidade suas redes de relacionamento, porém sua família geneticamente estabelecida residia, em outras localidades, e desta forma no que tange aos participantes de felicitações que não residem na mesma cidade dos aniversariantes (Brasília), pode-se inferir a interação pelo *Whatsapp* como um fator positivo proporcionado pelo ciberespaço e principalmente pelo *app*. As métricas foram: do total de entrevistados 46% moram em Uberlândia, 39% moram em Brasília, 7% em Cuiabá, 4% em Rio Verde e os outros 4% em Goiânia.

Em se tratando de formação profissional relatamos que: dos entrevistados 14% são estudantes, 11% empresários, 11% autônomos, 7% administradores, 7% professores, 7% vendedores, 7% engenheiros, 4% tosador, 4% banhista, 3% enfermeiro, ou seja, os dados revelam que há uma variedade de identidades e cultura habitando as redes, se interagindo e utilizando o *app* como forma de otimizar o tempo, estabelecer vinculos sociais e até mesmo reduzir distâncias geográficas, o que pode ser um indicativo de positividade frente a teórica do ciberespaço.

Dados e Análises – Dados de Ligações

Após análises relacionadas aos dados obtidos através da ferramenta de *Whatsapp*, passamos agora a analisar como foram as numéricas relacionadas às ligações, uma vez que estas representam uma ação cultural anteriormente datada e utilizada como “tradicional. Da mesma forma como fizemos ao elaborar as análises do aplicativo, iniciamos ao traduzirmos os dados relativos a rede de relacionamento que efetuaram contato com os aniversariantes por intermédio de ligações analisando os dados profissionais.

Com mesmo percentual aparecem a profissão de Administrador de Empresas e Engenheiros com 43% da amostra. Dona de Casa representa 14% da amostra, de um total de 7 ligações, para uma análise dos 3 atores analisados.

Quanto à idade dos analisados que realizaram ligações para os aniversariantes, 29% representam os intervalos etários de 30 a 35 anos e em igual percentual está representado o intervalo de 41 a 45 anos. Com mesmo percentual, 14% houve a representação de categorias: 26 a 30, 36 a 40 e 56 a 60 anos.

Evidenciamos que dentre as ligações recebidas, 57% eram oriundas de cidade distinta da localização do aniversariante e 43% representa atores sociais que residiam na mesma localidade que o aniversariante, o que permite, ainda que superficialmente associar tais ligações às facilidades proporcionadas pela convergência, ou seja, a possibilidade de interações sociais que rompem as barreiras de distâncias, promovendo novas formas de cultura e interação social.

Dados e Análises – Presencial x Ligações x *Whatsapp*

Ainda que os dados acima não nos permita ser conclusivos, são extremamente importantes para nos impulsionar a outras pesquisas que ainda serão realizadas. É incômodo observar que o que antes era prioritário (o abraço de feliz aniversário), agora reflete o menor percentual relativo a esta data comemorativa, ou seja, 11% buscaram formas de encontrar o aniversariante e felicitá-lo face a face. 17% realizaram as felicitações por meio de ligações enquanto 72% enviaram alguma mensagem ou comentário pelo aplicativo de *Whatsapp*.

Desta forma talvez seja possível visualizar uma alteração das interações sociais, uma vez que após o surgimento da telefonia e internet, mesmo considerando o variável custo, tempo e praticidade, nosso maior reflexo circunda as relações culturais que se perdem ou que se reconfiguram em uma adaptação ao novo.

Conclusão

O Ciberespaço é recheado de novas maneiras de se relacionar com o outro e com o mundo. Não se trata, mais uma vez, de substituição de formas estabelecidas de relação social (face a face, telefone, correio, espaço público físico), mas do surgimento de novas relações mediadas. Quanto ao proporcionado por nosso escritos, podemos dizer que as relações *online* são diferentes das relações de proximidade tipo face a face, mas que essas guardam aproximações com o espaço das interações quotidianas, como bem analisou o sociólogo canadense E. Goffman.

Nossa abordagem inicial buscou analisar, se a evolução tecnológica possui dois lados: positivo: devido aos processos facilitadores da comunicação, e negativo: devido às interferências no comportamento e cultura humana, e pela amostra analisada torna-se evidente que para ambas as inquietações a resposta apresenta-se neste artigo como positiva.

Nossa cultura “prega” que as felicitações sejam realizadas o quão próximas possíveis, ou seja, face a face, o que consensualmente evidenciamos por nossas rotinas e modos distintos de vida, que nem sempre é possível. Neste sentido o *Whatsapp* através do ciberespaço parece nos abrir a possibilidade de romper barreiras geográficas, financeiras, etárias, de gêneros ou formações profissionais, se posicionado como um contribuinte para a efetivação de uma nova cultura e em especial em um novo espaço, ou seja, uma interação caracterizada por ser indiscutivelmente simbólica.

Quanto às ligações e o uso do *whatsapp*, ainda que por fatores de comodidade trouxessem envolvimento entre a rede de relacionamento e o aniversariante, muito embora esta mesma conveniência possa ter acomodado alguns membros da rede a simplesmente utilizar o aplicativo. Outro fator observado em nossas análises é que o número de ligações foram inferiores à quantidade de interações realizadas pelo aplicativo, o que nos leva a acreditar que as facilidades e praticidades do aplicativo ganham positividade, mesmo que isso represente uma ruptura em aspectos fortemente culturais.

Desta forma, percebemos que as relações sociais no ciberespaço, apesar de virtuais, tendem a repercutir ou a se concretizar no mundo real. Marcam, portanto, um “novo” tipo de sociedade onde o indivíduo rompe com alguns princípios tidos como regras sociais, alterando alguns valores e crenças, sem que isso seja uma determinação da sociabilidade existente no mundo, ou ainda denominadas de expressividades negativas.

A hipótese de Turkle é a de que as novas tecnologias digitais e suas realidades virtuais são participantes dinâmicos na maneira como o homem contemporâneo constrói a

sua consciência de identidade, pois estas interagem com o sujeito e agem sobre ele, e desta forma concluímos que nossos esforços apresentam aspectos positivos e negativos quanto ao uso do aplicativo, porém nos possibilitam muito mais uma inquietação em busca de maiores provocações e conhecimentos que certamente abrirão novos caminhos e descobertas teórico-metodológicas para além do analítico artigo.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura** - A sociedade em rede. 1º vol. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003;
- Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. / Ed. por William Outhwaite, Tom Bottomore; com a consultoria de Ernest Gellner, Robert Nisbet, Alan Touraine; Editoria da versão brasileira, Renato Lessa, Wanderley Guilherme dos Santos; Trad. Eduardo Francisco Alves, Álvaro Cabral. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- GOMES, L. F. **Cinema nacional: caminhos percorridos**. São Paulo: Ed.USP, 2007.
- HEIDEGGER, M. **Que'appelle-t-on penser?** Paris: Quadrige P.U.F., 1954.
- HILGERT, José Gaston. A construção do texto 'falado' por escrito: a conversação na Internet. In: PRETI, Dino (org.). Fala e escrita em questão. São Paulo: Humanitas. pp.17-55. 2000.
- Jenkins, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- _____. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LEMONS, André. **Cultura da Mobilidade**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 40, _____ . **Cibercultura - Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- OLIVEIRA, R.S. 2008. **Marcas Verbais dos Aspectos Não-Verbais da Conversação nas Salas de Bate-papo na Internet**. Seminário. Disponível em: www.abed.org.br, acessado em: 20/06/2008.
- RECUERO, Raquel. **Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador**. In: Verso e Reverso. São Leopoldo: UNISINOS, vol. 3, p. 1-15, 2008.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SEMINÉRIO, Franco Lo Presti. In: **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: FGV, Instituto de Documentação, 1986. p. 591
- SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000. SCHWARTZ, G. Exclusão digital entra na agenda econômica mundial. In: <http://www.exclusao.hpg.ig.com.br/texto%20-%20schwartz02.htm>. Acesso em: 28 de abril de 2003.
- TEIXEIRA, J. **O Q É Q É +IMPORTT N1 MSG?** (Mensagens SMS e novos usos da escrita), Diacrítica Série Ciências da Linguagem, nº 17/1, Universidade do Minho, Braga. 2003